

## MONTALEGRE

FEIRA DOS SANTOS E DOS PRODUTOS LOCAIS

## DESERTIFICAÇÃO DO CONCELHO E AUMENTO DOS COMBUSTÍVEIS DIFICULTAM O NEGÓCIO

Os feirantes que habitualmente marcam presença na Feira quinzenal de Montalegre alegam que o negócio está “cada vez pior”, devido à “falta de gente” e ao aumento do preço dos combustíveis. Caso o município volte a exigir uma mensalidade, a grande maioria dos feirantes de fora promete não voltar



FOTO: MR

COMERCIANTES DIZEM QUE O NEGÓCIO ESTÁ MAU

## MARIANA RIBEIRO

A Feira dos Santos e dos Produtos Locais voltou a Montalegre. A manhã de quinta-feira, marcada pelo frio e vento forte, custou a arrancar e eram poucos os que se aventuravam a ir até ao campo da feira. À medida que a hora ia avançando, a temperatura ia subindo e atraindo algumas dezenas de barrosões. Porém, se as velas e flores que habitualmente acompanham os crentes às visitas aos cemitérios se iam vendendo bem, já nas bancas de roupa e artesanato a realidade era mais amarga.

Logo à entrada do campo da feira, Maria Lobo, que veio de Guimarães para ajudar uma colega na banca dedicada aos finados, mostrou-se satisfeita com o negócio. “Hoje está a correr muito bem. Vende-se um bocado de tudo. As pessoas estão a preparar a visita aos cemitérios”.

No artesanato e utensílios, Luísa Chaves afirmou que “dentro daquilo que



“Há a hipótese de passarmos a realizar a feira todas as quintas-feiras do mês de agosto, numa lógica de retoma e de ajuda”

ORLANDO ALVES  
PRESIDENTE  
DA CM DE MONTALEGRE

esperávamos, está razoável. Em termos de feirantes, já não tem nem um terço do que tinha. Não sei o motivo, mas a população aqui tem diminuído de forma espantosa. Além disso, as pessoas não vêm à feira porque não há poder de compra”.

A pandemia veio “abandar todo o setor. O mês de agosto mexeu porque vie-



“O mês de agosto mexeu porque vieram os nossos emigrantes. A partir daí, tem vindo a decair”

LUÍSA CHAVES  
COMERCIANTE

ram os nossos emigrantes. A partir daí, tem vindo a decair. O preço do gasóleo não ajuda e as matérias-primas encareceram muito. Nos últimos Santos que fizemos, um quilo de chapa de zinco custava 80 centimos. Agora custa dois euros e 80 centimos. As pessoas não têm dinheiro para comprar e nós não temos margem ne-



“Somos obrigados, de hoje para amanhã, a desistir da feira de Montalegre”

DAVID PEREIRA  
COMERCIANTE

nhuma”, lamentou Luísa. Já nas bancas dos têxteis-lar e vestuário, os feirantes queixavam-se, acima de tudo, “da falta de gente” e do aumento do preço dos combustíveis. David Pereira, natural de Vila Verde, no coração do Minho, mostrou-se indignado.

“O grande problema do negócio é a falta de pes-



“Vende-se um bocado de tudo. As pessoas estão a preparar a visita aos cemitérios”

MARIA LOBO  
COMERCIANTE

soas. O pessoal mais velho vai desaparecendo, o mais novo foge daqui e Montalegre vai descendo de ano para ano”. Além da desertificação do concelho, “as despesas são muito grandes. A feira começa às 9h e acaba às 10h, praticamente. Fazemos 50 ou 100 euros que acabam por nos ficar pelo caminho, no gasóleo”.

De momento, os feirantes não pagam qualquer contribuição ao município pelo espaço ocupado, uma medida em vigor a propósito da pandemia que ainda atravessamos. Porém, se esse valor voltar a ser exigido, “somos obrigados, de hoje para amanhã, a desistir da feira de Montalegre. Falo por mim e por outros feirantes de fora, a quem já não compensa vir até cá”, avançou David Pereira.

Orlando Alves, presidente do município barrosão, em declarações à VTM, referiu que os apoios à feira e aos feirantes “estão a ser equacionados”. Em cima da mesa está a hipótese “de passarmos a realizar a feira todas as quintas-feiras do mês de agosto, numa lógica de retoma e de ajuda”, uma vez que, por definição, é o mês mais forte, graças aos emigrantes. No entanto, o autarca adianta que “será muito difícil não haver um pagamento por parte dos feirantes que queiram fazer parte da feira de Montalegre”. ■

## CHAVES E MONTALEGRE

# ARTISTA FLAVIENSE OFERECE VIAGEM PELO MUNDO DAS CORES NO ECOMUSEU DE BARROSO



FOTO: DR

ENTRADA É GRATUITA

**Paulo Fontinha é um premiado artista flaviense que usa a cor como ponto forte das suas obras. “Um mundo a cores” funciona como uma terapia no contexto pós-pandémico e eleva a importância da arte enquanto “bem essencial”**

MARIANA RIBEIRO

Natural de Chaves, Paulo Fontinha é um premiado pintor contemporâneo. Doutor Honoris Causa em belas artes, com um percurso notável na pintura, é representado internacionalmente em Paris pela galeria Singulart. As suas obras foram extensivamente expostas um pouco por todo o mundo, da China ao Brasil, e já realizou mais de 100 exposições aquém e além-fronteiras.

Tornou-se artista, “há mais de 20 anos”, pela pai-

xão que nutre pelas cores e, ao mesmo tempo, pela vontade de ver e retratar o mundo em várias tonalidades, tornando-o “menos cinzento”.

Em conversa com a VTM, revelou que as suas maiores inspirações são “acontecimentos do dia-a-dia, aquilo que eu leio no jornal, um tema que me prende a atenção. A minha arte é semi-abstrata. Procuo estudar as formas e dar uma interpretação minha a uma dada situação. Uma das coisas que mais me dá prazer é por as pessoas a pensar”.



“A arte é fundamental e dá-nos a liberdade de nos desprendermos das regras que todos os dias nos são impostas”

PAULO FONTINHA  
PINTOR

Nas suas exposições gosta de lançar o desafio aos visitantes de “olharem para o quadro e fazer uma interpretação pessoal antes de lerem o que está no papel que o acompanha. É incrível a multiplicidade de opiniões. Até conseguir que as pessoas gostem dos trabalhos que veem, dá muito trabalho”.

“UM MUNDO  
A CORES”

Paulo Fontinha é um artista bem conhecido de todos os barrosões. Esta é a segunda vez que expõe no Ecomuseu de Montalegre. “A exposição ocorre de uma forma natural. Já expus no Ecomuseu há sensivelmente 10 anos. Surgiu um novo convite,

uma nova oportunidade, e eu aceitei, até porque tinha muito interesse em ver a reação das pessoas. A exposição tem tido muita receptividade e está a ser francamente positiva. A evolução acontece com o julgamento dos olhos de quem vê e, felizmente, tenho recebido muitos elogios”.

A exposição junta “quadros relativamente novos”, cuja técnica usada é o acrílico sem tela, e “assenta que nem uma luva” no contexto atual “pós-pandémico”. “A cor, a arte e os trabalhos artísticos, no geral, funcionam como uma esperança e uma terapia, se as pessoas assim quiserem. A arte é fundamental e dá-nos a liberdade de nos desprendermos das regras que todos os dias nos são impostas. É uma

pena que no nosso país não se vá muito a exposições, que não haja hábitos de leitura, em detrimento do tempo que passamos no mundo virtual”.

Paulo Fontinha revela que “a exposição está muito bonita e temos de enaltecer o facto de, num espaço tradicional, haver uma mostra contemporânea. É um dois em um, entre o passado e o presente. Desafio as pessoas a irem visitá-la, até porque Montalegre é um concelho extraordinário, com boa gastronomia e paisagens lindíssimas. Não se vão arrepender”.

A exposição de pintura “Um mundo a cores” estará patente no Espaço Padre Fontes, Ecomuseu de Barroso, em Montalegre, até ao dia 28 de novembro. A entrada é gratuita. ■

## ▶ MONTALEGRE

# VILAR DE PERDIZES COM LOTAÇÃO ESGOTADA EM MAIS UMA “NOITE DAS BRUXAS”

Depois de um ano de interregno por força da pandemia, a aldeia mais assombrada do país voltou a vestir-se a rigor para mais uma “noite das bruxas”. A chuva obrigou a antecipar a famosa queimada, mas não assustou nem demoveu as centenas de visitantes que rumaram a Vilar de Perdizes para festejar o halloween

MARIANA RIBEIRO

Apesar das condições meteorológicas adversas, foram centenas as pessoas que rumaram a Vilar de Perdizes no último domingo para uma tarde e noite “embruxadas”. Vindos de norte a sul do país,

em autocaravanas, autocarros ou carro próprio, os visitantes invadiram as ruas da aldeia vestidos a rigor. A par de portugueses e de alguns emigrantes, muitos foram os grupos de jovens espanhóis e brasileiros que rumaram até à aldeia mais assustadora do país.

Umbelina Moura, presidente da Associação de Defesa do Património de Vilar de Perdizes, em declarações à VTM, destacou que “o balanço é muito positivo”. A chuva “não deu tréguas e chegámos a pensar cancelar o cortejo, mas não dava, devido à quantidade de pessoas



NOITE FICOU MARCADA PELA CHUVA

que vieram para o ver. Realizou-se o cortejo e a queimada, embora mais cedo que o habitual”. A animação continuou noite dentro, “na discoteca de Vilar de Perdizes”.

Em suma, “tudo o que tínhamos perspetivado aconteceu. As barraquinhas venderam muito bem e os “comes e bebes” da Associação ficaram esgotados muito cedo. Os próprios restaurantes locais esgotaram ao segundo dia de divulgação do evento. O estacionamento da aldeia também esgotou, tal como o alojamento disponível, quer aqui, quer em Montalegre”.

Quanto a uma próxima edição, Umbelina Moura avançou que “o programa da noite das bruxas será alargado, já que, apesar dos nossos receios, chegámos à conclusão que não há chuva que estrague os planos quando as pessoas se querem divertir. E, portanto, Vilar de Perdizes continuará a organizar a noite das bruxas”. ■